

## A Queda

Os capítulos 1 e 2 de Gênesis nos mostram a criação em um estado de absoluta harmonia, beleza e perfeição. O homem estava perfeitamente conectado com seu Criador, havia uma unidade perfeita entre o homem e a mulher, havia uma paz e inteireza absoluta no ser do homem e uma integração perfeita com a criação. Ou seja: os quatro relacionamentos com os quais o homem foi criado estavam plenos. Cornelius Plantinga nos diz que a criação estava em estado de “shalom”, que significa muito mais do que paz no sentido da ausência da guerra. Na verdade, “shalom” significa “florescimento universal, totalidade e prazer – um rico estado de coisas no qual necessidades naturais são satisfeitas e dons naturais frutiferamente empregados, um estado de coisas que inspira agradável surpresa à medida que seu Criador e Salvador abre as portas e recebe a criatura em que se deleita”.<sup>1</sup>

Esta descrição é tão linda que nos perguntamos: mas para onde foi toda essa beleza e perfeição? O que aconteceu para que o mundo criado por Deus em tal estado de shalom se tornasse o mundo como vemos hoje? A resposta está no capítulo 3 de Gênesis, na narrativa conhecida comumente como “A Queda”. Nancy Pearcey afirma que refletir sobre a queda é se perguntar “O que deu errado? Qual é a fonte do mal e do sofrimento?”<sup>2</sup>

## Pacto das Obras

Quando o Eterno criou o homem, fez um pacto com ele chamado pelo teólogos reformados de Pacto das Obras. Embora o termo “pacto” não apareça em Gênesis 2, temos nos versos 16 e 17 todos os elementos de um pacto: as partes, a promessa, a condição e a penalidade.<sup>3</sup> Charles Hodge deixa claro que nos termos do pacto Deus “entrou em uma aliança de vida com ele [Adão], sob a condição de perfeita obediência, proibindo-o de comer a árvore do conhecimento do bem e do mal sob a penalidade de morte”.<sup>4</sup> Este pacto “foi chamado pacto das obras pois sua demanda recaía sobre o próprio ser e fazer do homem”.<sup>5</sup>

## A árvore do bem e do mal

Com afirma Strong, “A árvore do conhecimento do bem e do mal é o símbolo do domínio justo de Deus e indica que tudo pertence a ele”.<sup>6</sup> Em outras palavras: era um memorial de que o homem, embora criado pelo Eterno, continuava uma criatura e o Criador, sempre seria o único Eterno como sempre e sempre há de ser. Esta árvore era como um testemunho da exclusividade do Criador como único detentor do conhecimento do bem e do mal, pois “representa conhecimento e poder de apropriar-se [desse conhecimento que é exclusivo] de Deus (Gn 3.5, 22). Os seres humanos, por contraste, devem depender de uma revelação daquele único que verdadeiramente conhece o bem e o mal (Pv 30.1-6), mas a tentação da humanidade é apoderar-se dessa prerrogativa independentemente de Deus”.<sup>7</sup>

Muitos leitores vão fazer aquela famosa pergunta, a pergunta que nunca quer calar a respeito da árvore do bem e do mal: “Mas por que Deus foi colocar essa bendita árvore no jardim? Se e já sabia que o homem ia pecar, então por que Ele colocou a árvore lá? Não sei não hein, ou Ele não sabia ou então tem um dedinho de Deus nesta história da queda...” A Confissão de Fé de Westminster, no final do seu segundo capítulo, faz a seguinte afirmação: Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea, com alma racional e imortal, e dotou-os de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem, tendo a lei de Deus escrita em seus corações, e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados a liberdade da sua própria vontade, que era *mutável*. Além dessa lei escrita no coração, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal; enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas.<sup>8</sup>

O termo “mutável” indica que ao criar o homem o Criador fez a opção radical de criar um ser livre que pudesse tanto amá-lo quanto rejeitá-lo. Deus criou nossos primeiros pais livres como seres pessoais, e para serem livres eles tinham que ter uma opção de escolher outra realidade que não seu Criador. Millard J. Erickson explica com uma clareza brilhante que “para que o homem fosse genuinamente livre, tinha de haver uma opção. A escolha é

<sup>1</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.24

<sup>2</sup> PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de seu Cativo Cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 28.

<sup>3</sup> BERCKOF, p.118,119

<sup>4</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 2. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

<sup>5</sup> HODGE, ARCHIBALD ALEXANDER: *Outlines of Theology: Rewritten and Enlarged*. New York : Hodder & Stoughton, 1878

<sup>6</sup> STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática* - Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 189

<sup>7</sup> WALTKE, Bruce K. *Comentário do Antigo Testamento – Gênesis*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010, p.102

<sup>8</sup> Confissão de Fé de Westminster – Assembléia de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, Capítulo III, § II, p.46

obedecer ou desobedecer a Deus. No caso de Adão e Eva, a árvore do conhecimento do bem e do mal simbolizava esta escolha”.<sup>9</sup>

Rob Bell explica de maneira muito simples, mas com grande bom senso: Para que tudo o que Deus fez fosse verdadeiramente bom, estas duas pessoas não poderiam ser forçadas. Isto não seria bom. Teria de ser a escolha delas para que fosse de fato bom. E então há uma árvore meio do jardim chamada a árvore do bem e do mal. Um nome um pouco longo para uma árvore, mas a idéia é que há uma outra maneira destas pessoas viverem, fora de como Deus havia projetado as coisas. E se eles comessem o fruto desta árvore em particular, eles veriam como é essa outra forma de viver, uma forma diferente e separada da vida de Deus”.<sup>10</sup>

Colocando desta maneira, fica claro que não havia outra possibilidade para o Criador senão colocar a árvore no jardim. Tinha de haver uma opção, tinha de haver a possibilidade da criatura rejeitar seu Criador, pois caso contrário o Criador estaria criando o homem para viver numa jaula determinista, um boneco sem expressão real de amor. Sendo assim “Deus colocou diante do homem e da mulher, no estabelecimento do seu serviço no reino, o privilégio de comer livremente de todas as árvores do jardim e o privilégio de honrá-lo não comendo de uma única árvore — a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.9, 16-17). A consequência de não honrar a Deus nesta matéria seria severa. O vínculo de vida/amor seria cortado. A comunhão amorosa seria quebrada”.<sup>11</sup>

## Tentação e Queda

Uma vez que existe outra possibilidade de vida, uma alternativa ao projeto inicial, Gênesis 3 narra nada mais nada menos do que a tentação dos nossos primeiros pais. Ou seja, o narrador começa a nos contar como a esperta serpente procura utilizar meias verdades, insinuação, desconstrução do certo e do errado e manipulação para levar nossos primeiros pais a comer o fruto que fora proibido e assim experimentarem a outra possibilidade de existência.

O autor de Apocalipse, ao revelar a natureza da perseguição que se deparava sobre a igreja, revela que a antiga serpente é na verdade o Diabo, Satanás (Ap 12.9). Horton afirma que “essa antiga serpente aparece em outros lugares como o grande dragão, Satanás e o Diabo (Ap 12.9; 20.2). O Diabo tem andado pecando e assassinando desde o princípio (Jo 8.44; 1 Jo 3.8). O orgulho (1 Tm 3.6) e uma queda de anjos (Jd 6; Ap 12.7-9) também se associam a essa catástrofe cósmica”.<sup>12</sup>

Satanás se infiltra no jardim e dirige sua tentação a mulher. O centro da tentação utilizada por Satanás é claro: “Vocês serão como Deus” (v.5). O Tentador utiliza uma fórmula clássica nas Escrituras: arranca a verdade, planta a mentira, atíça os desejos e por fim apresenta a solução prática de comer o fruto. Dúvida, incredulidade, desejo, ilusão e por fim desobediência.<sup>13</sup>

O Criador havia dado a ordem diretamente a Adão, antes da criação da mulher de que não comesse da árvore do bem e do mal. Eva certamente conhecia a ordem, pois a recitou para a serpente. Embora conhecesse a ordem, Eva foi enganada e comeu, mas Adão não foi enganado ou sequer tentado pela serpente. A mulher lhe trouxe o fruto, e ao invés de recusar o fruto, Adão comeu. O texto da Escritura diz “que Adão não foi enganado” (1 Tm 2.14), o que o torna um maior culpado. Eva não recebeu a ordem diretamente do Senhor, e foi enganada, mas Adão não foi enganado, antes sua desobediência foi aliciada por Eva, pois ele apenas “atendeu a voz de sua mulher” (Gn 3.17), e isto foi o bastante para ele apostatar de Deus. Adão comeu por que temeu mais desagradar sua mulher do que a Deus, numa flagrante omissão.<sup>14</sup>

## Consequências

A escolha que nossos primeiros pais fizeram acarretaram consequências graves. Todo o projeto de Deus foi subitamente corrompido pela escolha dos primeiros pais, de maneira que o shalom que havia em toda a criação foi perdido. Daí Paulo dizer que a queda lançou em um buraco não apenas Adão e Eva, mas a humanidade e por fim toda a criação (Rm 8.18-22).

A primeira consequência foi a quebra da imagem de Deus no homem. A justiça, pureza e santidade originais com as quais Deus criou o homem foram perdidas. O homem passou a experimentar o mal e a vergonha em seu ser, de maneira que “por causa de sua queda no pecado, o homem em um dado sentido perdeu a imagem de Deus”.<sup>15</sup>

Em uma famosa passagem João Calvino afirma que “mesmo embora concedamos que a imagem de Deus não tenha sido totalmente aniquilada e destruída no homem, ela foi tão corrompida que, qualquer coisa que permaneça, é uma deformidade horrenda”.<sup>16</sup>

<sup>9</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.429

<sup>10</sup> BELL, Rob. *Sex God: Exploring the endless connections between sexuality and spirituality*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p.70

<sup>11</sup> GRONINGEN, Gerard Van. *Criação e consumação* - V.I, p. 91-92 apud Franklin p.434

<sup>12</sup> HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, p.141

<sup>13</sup> BAVINCK, Herman. *Fundamentos Teológicos da Fé Cristã*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001, p.243

<sup>14</sup> DRISCOLL, Mark; BRESHEARS, Gerry. *Doctrine: What Christians Should Believe*. Illinois: Crossway, 2010, p.147

<sup>15</sup> HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.10

<sup>16</sup> Institutas, I, xv, p.4

Além da quebra da imagem, houve a desconexão dos quatro relacionamentos perfeitos com os quais o homem foi criado: “houve uma [desconexão]<sup>17</sup> em quatro aspectos da vida do ser humano. O homem se [desconectou] de Deus, dos seus semelhantes, da natureza e de si mesmo”.<sup>18</sup>

Pecado é primeiramente desconexão do Pai, pois “sobretudo o pecado rompe e resiste a vital relação humana com Deus, e isso ele faz rompendo e resistindo de inúmeras e entremeadas formas”.<sup>19</sup> Eugene Peterson, Ministro Presbiteriano e famoso autor, escreveu sobre sermos pecadores em seu livro “O Pastor Contemplativo”: “A palavra *pecador* é uma designação teológica. É essencial insistir nisto. Não se trata de um juízo moralista [...] Pecador significa que algo está errado entre os homens e Deus [...] O fato teológico é que os humanos não estão próximos de Deus e não estão servindo a Ele”.<sup>20</sup>

O pecado também destruiu nossa conexão com o outro: “A alienação das outras pessoas foi expressa na perda de confiança, intimidade e transparência entre o primeiro casal. O seu relacionamento de intimidade e transparência, simbolizado pelo fato de que estavam nus e não se envergonhavam, foi corrompido. Isto se tomou evidente quando Adão foi confrontado por seu pecado. Em vez de assumir a responsabilidade pelo que ele havia feito, culpou a mulher”.<sup>21</sup>

Por fim, até mesmo nossa conexão com a natureza foi perdida: “A alienação da natureza se manifestou primeiro na corrupção da própria natureza. Dali em diante, o trabalho se tomou uma tarefa árdua e difícil. Os animais passaram a ter medo do homem, e o cultivo da terra se tomou uma luta. O mandado cultural, que significava mordomia, cuidado e desenvolvimento dos recursos naturais para a construção do reino de Deus, foi deturpado e a partir do trabalho do homem deu-se a exploração e a poluição da natureza”.<sup>22</sup>

Desconexão de si mesmo: Plantinga, *Crente no mundo de Deus*, p.67

Ou seja, “houve uma [desconexão]<sup>23</sup> em quatro aspectos da vida do ser humano. O homem se [desconectou]<sup>24</sup> de Deus, dos seus semelhantes, da natureza e de si mesmo”.<sup>25</sup>

Por fim, a morte entrou para a raça humana. Paulo declara que por meio de Adão a morte entrou para dentro de toda a raça humana (1Co 15.21,22). O homem, que foi criado para viver eternamente na presença de Deus, passou a experimentar a morte em seu sentido físico (envelhecimento e morte) e em seu sentido espiritual (alienação de Deus e perdição eterna).

## Representatividade

A grande questão envolvendo a narrativa da queda é que não se trata apenas da história de Adão e Eva, mas da história de todos nós. Nossos primeiros pais não estavam diante de Deus como indivíduos no Pacto das Obras mas como representantes de toda a humanidade, de forma que quando eles caíram nós caímos também. Arthur W. Pink destaca que “o fato de Adão ter permanecido como o cabeça da raça no relacionamento de pacto, é demonstrado conclusivamente pelos males penais que vieram sobre seus filhos, em consequência de sua queda. Da maldição terrível que cai sobre todos os seus descendentes, somos compelidos a inferir a relação pactual que existia entre ele e eles”.<sup>26</sup>

De fato, o pecado de Adão nos foi imputado. A CFW expõe essa conexão entre o pecado de Adão e o nosso de forma muito clara em seus artigos 3 e 4 do capítulo VI: “3. Sendo eles o tronco de toda a humanidade, o delito de seus pecados foi imputado a seus filhos<sup>1</sup>; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária” e “4. Desta corrupção original, pela qual ficamos totalmente indispostos, incapazes e adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo o mal<sup>1</sup>, é que procedem todas as transgressões atuais”.

Algumas correntes negaram a representatividade de Adão ao longo da história. Todavia, a representatividade de Adão e a de Cristo estão unidas pelo mesmo princípio de termos um representante diante de Deus, como nos lembra Paulo em 1Co 15.22. Quando a federalidade é negada, traz sérias implicações para a doutrina da salvação, pois

---

<sup>17</sup> No original, “alienação”.

<sup>18</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>19</sup> PLANTINGA, Cornelius Jr. *Não era para ser assim: Um resumo da dinâmica e natureza do pecado*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.19

<sup>20</sup> PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.136

<sup>21</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>22</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>23</sup> No original, “alienação”.

<sup>24</sup> No original, “alienou”.

<sup>25</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.452

<sup>26</sup> A.W. Pink, *Gleanings from the Scriptures*, (Chicago: Moody Press, 1977), p. 43.

pode –se perguntar: se é injusto que sejamos representados em Adão, por que seria justo sermos representados em Cristo?